

A REVISÃO DA MODERNIDADE PELA DESLEGITIMAÇÃO DO METARRELATO NAS NARRATIVAS DE JAMES W. WELLS E JOÃO GUIMARÃES ROSA¹

Luciene Pereira

Mestranda em Letras - Estudos Literários / UFMG

RESUMO

A partir da análise de um fragmento do relato de viagens *Três mil milhas através do Brasil*, de James W. Wells, e de reflexões em torno do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, discute-se a fragilidade das formas e normas legitimadas pela modernidade.

PALAVRAS-CHAVE

Crítica, valor, modernidade, Guimarães Rosa, Wells

Eu pretendia a princípio escrever uma obra versando mais genericamente sobre o País, e de forma mais abstrata; mas o tema é tão vasto, e existiriam tantos desvios opostos de qualquer linha precisa e firme que eu pudesse traçar da natureza do País e do seu povo, que o resultado de um tal esforço seria necessariamente enganoso e insatisfatório. Conseqüentemente, adotei a conduta de tentar delinear o aspecto de uma dada feição do País com suas sempre variadas cenas e diferenças de clima, os incidentes da vida dura no interior e as muitas "formas e condições" de humanidade encontradas pelo caminho.

James W. Wells

O senhor não me pergunte nada. Coisas dessas não se perguntam bem. Sei que estou contando errado, pelos altos. Desemendo.(...) E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. (...) Sendo isto. Ao doido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevindo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas

¹ Trabalho apresentado como parte dos requisitos para aprovação na disciplina A Falência da Crítica – Seminário de Crítica Literária. Prof^ª. dr^ª. Myriam Corrêa de Araújo Ávila. 2º Semestre de 2009.

raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção.(...) Ou conto mal? Reconto (...) Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere.

J. Guimarães Rosa

O relato de viagens *Três mil milhas através do Brasil*, escrito pelo inglês James Willians Wells² e originalmente publicados em 1886, não nega sua dívida com seu tempo. A citação que recuperamos anteriormente constitui-se em um fragmento do texto introdutório desse diário de bordo. Na introdução ao seu relato Wells se posiciona no local de um sujeito crítico às suas próprias memórias o que torna possível enxergar agudos problemas do seu tempo, que recorrentemente giram em torno de um específico, qual seja: como pode o sujeito manter um distanciamento rigorosamente científico em relação ao seu objeto de estudo?

Ainda que não tenha se dado conta da profundidade da questão que a introdução do seu relato tangencia, Wells consegue pressentir que o problema que tem de enfrentar torna-se ainda maior, uma vez que o objeto em questão são suas próprias recordações relatadas em seu diário de bordo escrito para dar conta da textualização da paisagem e dos modos de vida singulares do Novo Mundo que se descortina aos olhos dos europeus. Verifique-se que a posição de sujeito e objeto do conhecimento, assumida em seu texto introdutório, reporta a outras grandes questões modernas, tais como: de que forma representar a experiência? Qual distanciamento manter em relação a esta representação?

A recuperação do diário de viagem de James Wells³ permite recuperar também problemas subjacentes ao imaginário moderno europeu dos fins do século XIX, tais como: a partir de qual lugar de enunciação a narrativa da experiência torna-se possível e legítima?

² James W. Wells. Wells, jovem engenheiro inglês que veio para o Brasil por volta de 1869, contratado por uma firma inglesa de construção de ferrovias (Public Works Construction Company), compilou no referido livro seus relatos de viagem feitos no percurso compreendido entre o Rio de Janeiro e o Maranhão. Nessa viagem, o objetivo primeiro de Wells era o de fazer os levantamentos e agrimensura necessários para o posterior assentamento dos trilhos, daquela que viria a se constituir a Estrada de Ferro Pedro II. Seus relatos sobre Minas Gerais foram escritos entre os anos de 1873-1875, sendo publicados juntamente aos outros relatos que somam o percurso completo. Ao todo, o viajante permaneceu no Brasil por 17 anos (1869-1886), superando em tempo de estadia todos os outros que por estas terras aportaram.

³ O livro de James Wells contou com três edições em língua inglesa e uma versão brasileira desenvolvida a partir da edição de 1887, por meio da editora da Fundação João Pinheiro para compor a coleção Mineiriana. Com tradução de Myriam Corrêa de Araújo Ávila e prefácio do celebrado historiador Christopher Hill, a versão brasileira foi publicada em 1995, tendo Wells aguardado 109 anos para se fazer ouvir no país que lhe serviu de objeto de estudo e de acolhida.

Como, tendo em vista a natureza e ordem das coisas de um Novo Mundo, conferir valor de verdade ao narrado, sem se esquivar do imperativo de tingir tais coisas com as cores que lhes são peculiares?

A esta altura do século 21, recuperar passagens da produção do saber moderno como essa passagem do texto de Wells e levantar questões que permitam desconstruir o discurso legitimador que a elas subjaz, contribui para pôr em evidência também a fragilidade que vige no interior das normas anunciadas pela própria modernidade, normas estas que cinicamente regem a produção de conhecimentos no âmbito da modernidade.⁴

Uma breve incursão por momentos representativos da história permite lembrar que o projeto de emancipação do homem no século das Luzes conduziu-nos à secularização dos domínios do conhecimento humano e no advento de uma nova concepção de mundo, homem e tempo, em que a razão, elevada à condição de essência da natureza do homem, auxiliada pela observação e pela experiência, vai se constituir em instrumento fundamental para a produção dos conhecimentos, valores e normas que dizem respeito a esse novo período. Configura-se aí o esforço de unificação da imagem e do pensamento do homem e do mundo, bem como o mapeamento e mensuração do espaço e do conhecimento com que sonharam Bacon, Descartes, Newton e seus pares.

Como ao fim do século 18 e início do século 19 o homem se dá conta da necessidade de desenvolver a sua analítica, encontra-se diante do espelho com um novo objeto a ser investigado. Nesse período verifica-se, nos termos de Foucault, em *As palavras e as coisas* (2000), uma mudança radical no âmbito da mentalidade científica do Ocidente. Com o advento do homem como sujeito e objeto do conhecimento, originam-se suas ciências específicas: as Ciências Humanas. Por ocasião da soma das Ciências Humanas ao conjunto das positividades e decorrente alteração do cálculo epistemológico até então operado, a epistemologia passa de clássica a moderna. As delimitações da epistemologia clássica, em que “todo conhecimento, qualquer que fosse, procedia às ordenações pelo estabelecimento das diferenças e definia as diferenças pela instauração de uma ordem”⁵ começam a entrar em crise e a se desordenarem. Assim, o advento das Ciências Humanas ao início do século 19 dar-se-á em um local precariamente delimitado e sem destino certo.⁶ Tal posição - que fez com que as

⁴ SAFATLE. *Cinismo e falência da crítica*.

⁵ FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 478.

⁶ Cf. FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 479.

Ciências Humanas, aos olhos das ciências propriamente ditas, fossem tidas como “perigosas e em perigo” - foi central para que a modernidade epistemológica inaugurasse um tempo marcado por uma “mobilidade inesperada”, em que todas as ciências iniciaram o movimento de desvio umas em relação às outras.⁷

Ao final do século 19, soma-se ao quadro de transformações nos campos de saber, aquelas ocorridas em função dos “impactos das transformações tecnológicas”, que, de acordo com Wilmar do Valle Barbosa, em *Tempos pós-modernos*, levou a “uma modificação na natureza mesma da ciência”, assistindo-se então à “‘crise da ciência’ e da verdade”.⁸ Nesse cenário, os ideais de uma razão científica totalizadora do conhecimento, com que sonharam os iluministas, são amplamente revistos. “O discurso da ciência positivista, com vistas a reconstruir totalidades, revelou-se inoperante, exigindo-se a gradativa mudança de paradigma e de recorte analítico.”⁹

Essas transformações nos campos do saber vão percorrer toda a modernidade e terão como uma de suas consequências o esgotamento do paradigma metafísico da filosofia, que por tanto tempo tornou-se, ainda conforme Barbosa, “metadiscurso de legitimação da própria ciência”. Verifica-se que, se por um lado a falência desse modelo torna inoperantes “conceitos caros ao pensamento moderno, tais como “razão”, “sujeito”, “totalidade”, “verdade”, “progresso””, por outro, leva à busca por novos enquadramentos teóricos.

Não obstante, o pós-moderno vai se caracterizar pela perda da crença no paradigma moderno, instaurando uma incredulidade que atinge não apenas o “metadiscurso filosófico-metafísico, com suas pretensões atemporais e universalizantes”, mas todos os dispositivos de legitimação da modernidade, uma vez que essa crise se funda em uma das noções centrais da modernidade: “a noção de ordem”.¹⁰

Se entram em crise a ciência e verdade modernas (com que sonharam os filósofos metafísicos modernos herdeiros dos iluministas), naturalmente entrarão em crise também as formas de revelação das mesmas. É nessa perspectiva que Lyotard, em *A condição pós-moderna*, vai tratar acerca da crise do grande relato, flagrando a perda de sua credibilidade e o

⁷ FOUCAULT. *As palavras e as coisas*, p. 297.

⁸ BARBOSA. *Tempos pós-modernos*, p. VIII.

⁹ SOUZA. *Tempo de pós-crítica: ensaios*, p. 21.

¹⁰ BARBOSA. *Tempos pós-modernos*, p. VII.

declínio do poder unificador e legitimador do mesmo. Assim, com a crise da noção de ordem, que pode aqui ser entendida como metonímia da crise moderna,

assistimos à rediscussão da noção de “desordem”, o que por sua vez torna impossível submeter todos os discursos (ou jogos de linguagens) à autoridade de um metadiscorso que se pretende a síntese do significante, do significado e da própria significação, isto é, universal e consistente. Por isso mesmo é que as delimitações clássicas dos campos científicos entram em crise, se desordenam.¹¹

A desordem específica da linguagem cindiu também os sujeitos modernidade afora. No lugar de certezas advém indagações que tocam questões fundadoras do projeto moderno: até onde é possível o estabelecimento de ordens e classificações? Como nomear? A crise da função representativa da palavra atinge de imediato o discurso que se quis controlado cientificamente e capaz de totalizar as intenções de seus produtores. Desse modo, o metarrelato, ao ser revisado, põe em perspectiva a hibridização entre o saber científico e o saber narrativo, hibridização esta que, no âmbito do saber científico moderno fundado no enquadramento metafísico, foi constantemente rasurada.

Lyotard relembra que o saber narrativo é, por natureza, avesso a uma totalização e unificação, sendo a sua natureza contrária ao discurso legitimador do conhecimento, dos valores e das normas. Essa forma de saber é constituída de forma preeminente no âmbito do saber tradicional, daí o fato de que o relato (“estas histórias populares [que] contam o que se pode chamar de formações (*Bildungen*) positivas ou negativas”¹²) tenha se tornado a forma, por excelência, desse saber, em muitos sentidos. Essa forma que permite uma série de jogos de linguagem obedece “a regras que lhe fixam a pragmática”. O que “se transmite com os relatos é o grupo de regras pragmáticas que constitui o vínculo social”.¹³

Já o saber científico esta “submetido à regra: um enunciado deve apresentar determinado conjunto de condições para ser reconhecido como científico”. Assim como na promulgação da lei por um legislador, o cientista deve ser “autorizado a prescrever as condições estabelecidas (...) para que um enunciado faça parte desse discurso e possa ser levado em consideração pela comunidade científica”.¹⁴

¹¹ BARBOSA. *Tempos pós-modernos*, p. XI.

¹² LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 40.

¹³ LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 40.

¹⁴ LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 13.

Assim, se o saber científico constitui-se no saber legítimo, o saber narrativo constitui-se no não saber, um saber bastardo. Tudo estaria bem resolvido se este par binário – saber científico/saber narrativo – tivesse, de fato, fronteiras muito bem demarcadas. Mas o que ocorre é que tanto há uma convergência entre os dois saberes que o problema da legitimação, que atravessa o saber científico, na pós-modernidade, está longe de se tratar de uma fraqueza “no jogo de linguagem da ciência”, constituindo-se, na verdade, como “instrumento heurístico”. O saber científico vale-se do saber narrativo de forma inevitável, na medida em que se mantenha a verdade dos enunciados e que este jogo não legitime esta verdade através dos seus próprios recursos. Afinal, “o saber científico não pode saber e fazer saber que ele é o verdadeiro saber sem recorrer ao outro saber, o relato, que é para ele o não-saber”. Assim entendida, “a narração deixa de ser um lapso da legitimação”.¹⁵

Lyotard relembra que desde Platão a questão da legitimação encontra-se ligada à questão da legitimação do legislador. Swift em *Viagens de Gulliver* apresenta-nos, no episódio de Lagado, as ideias de pesquisadores que investem contra monarcas para a criação de planos que visam à escolha dos ministros “entre os mais sábios, honestos e capacitados”. Após a surpresa de Gulliver diante de “tamanho perda de juízo”, o viajante inglês tem a oportunidade de reconhecer que “nem todos na escola são tão loucos” quanto aqueles pesquisadores e descreve a proposição de um “médico engenhosíssimo que descobriu o segredo da cura de todas as mazelas que afetam o governo” partindo do pressuposto da identidade entre o “corpo físico e o corpo político” e da proposição da cura de ambos os corpos “pelas mesmas receitas”.
Leia-se:

Propunha o doutor que um grupo de médicos assistisse durante três dias às sessões do Senado. Ao fim dos debates de cada dia, esses médicos examinariam os senadores e discutiriam entre si as doenças encontradas. No quarto dia, voltaria ao Senado com os remédios, antes que os senadores se reunissem, os fariam tomar analgésicos, lenitivos, aperitivos, corrosivos, adstringentes, paliativos, laxativos, icterícios, apoflegmáticos, acústicos e assim por diante, de acordo com cada caso.

Além de ser um método barato, seria de grande utilidade para o bom funcionamento do Senado: encurtaria os debates, provocaria a unanimidade, abriria algumas bocas excessivamente fechadas e fecharia outras excessivamente abertas; acalmaria a insolência dos moços e corrigiria a

¹⁵ LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 53-54.

teimosia dos velhos; despertaria os estúpidos e tranqüilizaria os impertinentes.¹⁶

Razão seja dada a Lyotard, a legitimidade parlamentar da proposta descrita por Swift e decorrente sucesso entre os habitantes de Lagado pode-se justificar ainda pelas palavras do pesquisador francês: “o direito de decidir sobre o que é Verdadeiro não é independente do direito de decidir sobre o que é justo”, daí o fato de “serem saber e poder as duas faces de uma mesma questão: quem decide o que é saber, e quem sabe o que convém decidir?”.

A esta altura, vale recuperar a origem do termo *legítimo* – central no texto de Lyotard – derivado do latim *legitimus*, de *lex*, exprime, de modo geral, “tudo o que está conforme as leis ou que se apresenta cumprindo as determinações legais”. O termo está diretamente relacionado com a ideia de pureza, perfeição, regularidade e validade. O legítimo está vinculado à norma, às exigências legais, valendo como direito. “É o que *procede legalmente*, que é *lícito*, é *permitido*, é *autorizado*, o que, aliás, redundando sempre na exata expressão: *é legal*, porque, *procede da lei*, está permitido ou autorizado em lei, é amparado e apoiado em lei (...).”¹⁷

Já as palavras de Wells, na citação acima recuperada, permitem perceber que a transposição para o solo latino-americano dos pressupostos da tradição logocêntrica europeia não será feita sem a negociação da legitimidade dessa tradição outrora cooptada pelos vitorianos; estes aqui entendidos como aquele povo que “difere completamente daquele que está implicado nos saberes narrativos tradicionais”, consistindo-se naquele *outro* que é “o nome do herói”, aquele que faz do “sinal da legitimidade” o seu consenso, que delibera suas normas e as aperfeiçoam, tais e quais os cientistas revisam as regras do seu consenso “à luz dos seus conhecimentos produzindo novos paradigmas”, um povo que acumula as leis civis, como os cientistas acumulam as leis científicas.¹⁸

Pode-se inferir da citação de Wells, quando este chama a atenção para as formas em que tencionou escrever seus relatos, o confronto das duas formas de saber enfocadas outrora por Lyotard. Ambas as formas (saber narrativo e saber científico) já se encontravam em constante embate ao fim do século 19, quando seus relatos foram compilados, denunciando a

¹⁶ SWIFT. *Viagens de Gulliver*, p. 149-150.

¹⁷ DE PLÁCIDO E SILVA, 1963, grifos do autor, citado por GOMES. *A ética, o legítimo e o legal*.

¹⁸ LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 55.

fragmentação do homem no âmbito da modernidade, a despeito do esforço da própria modernidade em unificar não apenas a imagem do homem, mas também o seu pensamento.

A primeira forma de saber que se infere do pensamento de Wells, a do saber científico, a mais genérica e “mais abstrata”, eleita de início pelo bom vitoriano para a textualização de sua experiência, remete o leitor aos resquícios de um esforço científico em tornar as coisas rigorosamente ordenáveis, mensuráveis e passíveis de racionalização, esforços que remontam ao Iluminismo, base filosófica que dá formação ao viajante. A segunda, a forma do saber narrativo, em que a tentativa de “delinear o aspecto de uma dada feição do país”, que, diga-se, ingressa na textualização de forma contingente, subtrai de seu relato o rigor científico, a abstração científica do saber e do olhar do pesquisador positivo se volta para o gesto de permanente construção do objeto de análise, revelando a precariedade dos dispositivos que dispõe para a execução das suas atividades. Ao optar pela segunda forma, sob a justificativa de que a primeira lhe afigurava demasiado “enganosa e insatisfatória”, Wells põe em evidência um problema geral referente à mutação nas estruturas de racionalidade postas em prática na modernidade, problema ao qual Safatle¹⁹ denuncia, contemporaneamente, como sendo da ordem do cinismo e da falência da crítica.

Afinal, a constatação de Wells demonstra que relatar uma experiência vivida com pretensões de que este relato se torne rigorosamente científico, abstrato e genérico, põe em evidência as restrições de tal anseio de totalização. A partir daí é possível inferir que há um modo cínico de funcionamento da razão totalizadora, através do qual é possível ver a crise de legitimação do grande relato e de erosão da substancialidade normativa da ciência, revelando a insuficiência dos modelos que dispõe para dar conta da realidade que pretende textualizar.

Parece ser essa uma boa hora para lembrar Adorno em *Mínima Moralía*, quando de sua afirmação: “a modernidade é uma categoria qualitativa, não cronológica”: essa frase permite que se recupere o fato de que o conceito de moderno, ainda que inscrito num conjunto de acepções mais ou menos fixas, relacionadas à noção de novidade e progressão, está em permanente reconstrução, fazendo-se categoria alternativa, líquida, deslocada nos diversos espaços e tempos em que se desenvolve. Continuando o seu pensamento sobre as moralidades mínimas, segue o crítico alemão: “quanto menos [a modernidade] se deixa persuadir pela

¹⁹ SAFATLE. *Cinismo e falência da crítica*.

forma abstracta, tanto mais necessária lhe é a renúncia à composição convencional de superfícies, à aparência de harmonia, à ordem confirmada pela mera cópia.”²⁰

Verifique-se que, em Wells, os desvios à forma abstrata, ainda que fujam “completamente aos objetivos que o autor se traçara” e aconteçam “dentro do texto como corpos estranhos, impondo um desvio ao curso principal determinado por uma visão de mundo que faz tudo para ignorá-los”,²¹ permite a Wells abandonar uma exposição das superfícies da paisagem brasileira, ao contrário do que fizeram muitos dos seus pares e averiguar com maior minúcia as “muitas formas e condições de humanidade encontradas”, o que lhe parece, fundamentalmente, mais honesto e exequível. Assim, “da mesma maneira que transforma aquilo que vê, o olhar do estrangeiro sofre todo um reajuste por parte do que é visto, e que interfere em seu campo de visão deslocando sua mira para fora do foco pretendido”.²²

Desta segunda alternativa, pode-se inferir claramente o espaço de escrita de Wells no âmbito da produção do seu tempo, uma vez que dela pode-se depreender com mais clareza a relação entre experiência e saber, uma relação que nos relatos de Wells não é olvidada como o foi em tantos outros textos em virtude do processo de apagamento do sujeito, no âmbito da forma de saber científico em que prima o rigor da objetividade.

No fragmento pertencente ao relato de James Wells transcrito no início deste trabalho é possível ver a articulação de ideias, a construção sintática e textual, a correção linguística, conforme um parâmetro modelar denunciam o lugar de onde fala o viajante, qual seja: um engenheiro, detentor de um especializado conhecimento técnico-científico que se investe da posição de escritor que relata à sua pátria sua experiência vivida na América para a persecução dos interesses de seu país.

Frise-se que Wells produz um relato para a persecução de esclarecimentos acerca do Novo Mundo que tem às vistas, esclarecimentos estes que reverterão em vantagens e lucros financeiros ao seu país de origem com a extensão da malha ferroviária no Brasil, que permitirá o melhor escoamento das matérias-primas que serviam à época da Inglaterra vitoriana, constituindo-se este o meio de transporte que simboliza o desenvolvimento técnico da Inglaterra, veículo que revolucionou a “experiência de espaço e tempo de seus

²⁰ ADORNO. *Mínima Moralía*, p.112.

²¹ ÁVILA. *O retrato na rua – memórias e modernidade na cidade planejada*, p. 109.

²² ÁVILA. *O retrato na rua – memórias e modernidade na cidade planejada*, p. 109.

contemporâneos” e que “no curso do século XIX, torna-se literalmente o veículo por meio do qual a consciência moderna do tempo se apodera das massas”.²³

Veja-se que não obstante Wells assuma este local de enunciação, este relator não deixa de confessar a impossibilidade de se traçar “qualquer linha precisa e firme” acerca da natureza do país e de seu povo. Nesta perspectiva, Wells ver-se-á ocupando, por inúmeras vezes, um “entre-lugar” (para lembrar o termo de Silviano Santiago), uma posição fronteiriça entre rigor técnico-científico e subjetividade. Assim, ainda que não abandone completamente as descrições físicas e objetivas acerca destas terras, Wells, este engenheiro-escritor que mais tarde tornou-se o autor de *A voz do urbano: um romance de aventura na Amazônia*, ver-se-á impelido a não deixar escapar “a encenação de histórias e a dramatização de enunciados, procedimento que revitaliza a dimensão experimental e provisória do relato de experiência, por se distinguir do caráter demonstrativo e fechado dos tratados”.²⁴ Nestes termos, se Wells vê diante de si a impossibilidade de uma descrição objetiva, a sua descrição subjetiva lhe fala em alto e bom som, conferindo aos relatos uma forma narrativa e ensaísta, que se inscreve na ordem do “precário e inacabado”.²⁵

Assim, ainda que Wells não tenha tido a exata consciência da amplitude destes adjetivos que utiliza para caracterizar o relato objetivo, a lembrar, “enganoso e insatisfatório”, verifica-se, na contemporaneidade, a pertinência desses adjetivos para a caracterização do anseio de totalização do conhecimento próprio à modernidade. Afinal, foi esse necessário confronto com o moderno um dos propulsores da cultura ocidental à nossa atual condição pós-moderna, o que torna o livro de Lyotard, nos termos de Moriconi, “rigorosamente atual”.²⁶

Conclui-se que esse breve fragmento da introdução de Wells aos seus relatos de viagem permite verificar que, neste texto, Wells põe em evidência as relações de força que subjazem ao tempo de escrita e que de alguma forma posicionam o sujeito que a executa numa rede de dialogizações voltadas para o infinito das relações semânticas. Por um lado, seu texto introdutório dialoga com os diversos enunciados que advém em seu tempo e espaço de enunciação, como prevê Bakhtin. Por outro lado, no mesmo gesto com que se inscreve em seu

²³ HABERMAS. *O discurso filosófico na modernidade*, p. 85.

²⁴ SOUZA. *Crítica cult*, p. 20.

²⁵ SOUZA, *Tempo de pós-crítica: ensaios*.

²⁶ Cf. MORICONI. *A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira: uma introdução ao debate*.

tempo, dialogando com o mesmo, o relato de Wells se projeta também para o futuro, favorecendo sua recuperação em outros tempos e lugares, haja vista que

nem sempre ocorre imediatamente a seguinte resposta em voz alta ao enunciado logo depois de pronunciado: a compreensão ativamente responsiva do ouvido (...) pode realizar-se imediatamente na ação (...), pode permanecer de quando em quando como compreensão responsiva silenciosa (...), mas isto, por assim dizer, é uma compreensão responsiva de efeito retardado: cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subseqüentes ou no comportamento do ouvinte.²⁷

Parece evidente que é esta compreensão de efeito retardado que Ávila,²⁸ na trilha de Flora Süssekind,²⁹ tem em vista ao afirmar que “vários autores da literatura mineira do período pós-colonial escreveram seus títulos em caráter de resposta ou mesmo sob a influência dos relatos de viajantes estrangeiros”.³⁰

Se à época da compilação de seus relatos de viagens os viajantes estrangeiros que aportaram ao Brasil não se deram conta da amplitude de seus escritos para a interpretação das formas de vida no país e, se do mesmo modo, o receptor de tais escritos não havia se conscientizado imediatamente de tal importância, passando os relatos de viagens pudorosamente pela história, os escritores brasileiros do período pós-colonial, ao encontrarem em tais relatos interlocutores em potencial para sua escrita ficcional, operam a estratégia de “deciframento” trazendo à tona acontecimentos “aparentemente sem significado nem valor”³¹ que ocupam uma posição fora dos grandes acontecimentos históricos mas que são de rara importância para o cosimento do tecido histórico.

Não por acaso, é nesta perspectiva que Ávila³² encontrou nos relatos de Wells um interlocutor em potencial para Riobaldo do monumental *Grande sertão: veredas* (doravante *GS:V*). A partir desse achado de rara importância para a recente interpretação do romance, pode-se verificar que quando Wells pergunta “é aqui o Sertão?”, sua pergunta ressoa aos ouvidos de Riobaldo, que ao repeti-la, num tom que menos que imitação se faz arremedo crítico, responde em sua faceirice de interlocutor sofismado de ladino: “lugar sertão se

²⁷ BAKHTIN. *Estética da criação verbal*, p. 272.

²⁸ ÁVILA. *O retrato na rua – memórias e modernidade na cidade planejada*.

²⁹ SÜSSEKIND. *O Brasil não é longe daqui*.

³⁰ ÁVILA. *O retrato na rua – memórias e modernidade na cidade planejada*.

³¹ FOUCAULT. *The art of telling the truth*, p. 90, citado por BHABHA. *O local da cultura*, p. 335.

³² ÁVILA. *O retrato na rua – memórias e modernidade na cidade planejada*.

divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho da autoridade (...). Esses gerais são sem tamanho.”³³

Riobaldo, esse outro narrador viajante, põe-se a especular acerca da validade dos acontecimentos históricos, para constatar que, na narrativa dos acontecimentos, “o que vale são outras coisas”.³⁴ O narrador também volta-se para acontecimentos aparentemente menores, aos olhos da historiografia tradicional. Sua narrativa, que é envolta pelo cunho confessional, está preocupada com outras verdades, isto é, com verdades diversas daquelas sobre as quais se debruçam o historiador. Para o sertanejo, os acontecimentos não apenas preservam seu signo, mas também o sentimento que advém da vivência dos mesmos. Estas “lembranças da vida”, que “se guarda[m] em trechos diversos”, pautam-se pelo “sucedido desgovernado” e longe de favorecerem o ordenamento da narrativa, cinde o tecido histórico mal cosido pela cronologia e pelo registro oficial e revelam a superficialidade dos mecanismos que os tentam por em prática, trazendo à tona uma memória que se manifesta de forma individual e coletiva misturadamente.

Assim, quando outrora Riobaldo declarara “o senhor não me pergunte nada”, “coisas dessas não se perguntam bem”, “sei que estou contando errado, pelos altos”, “desemendo” o narrador imita o conhecido tom da hospitalidade sertaneja. Ao imitar esse tom, nele opera um desvio que, ao mesmo tempo, permite-lhe tratar com certa urbanidade o visitante e negar o estabelecimento de um diálogo face a face. Dessa forma, o diálogo ingressa em *GS:V* em muitos outros e sutis níveis de sua construção discursiva, invertendo-se as posições enunciativas então operadas em textos coloniais.

Afinal, ao assumir as rédeas do discurso, Riobaldo inverte a lógica do discurso colonial; seu olhar, “nítido como um girassol”³⁵ é capaz de deslocar o colonizado da autoridade de seu local de observador para o de observado. Sua voz, ainda que ao contar perca a linearidade – aspecto muito peculiar daquele que ainda tateia o solo em que lançará as sementes de seu discurso, como se pode observar da construção frasal e organização gráfica do texto narrativo – é capaz de deslocar a posição do enunciador do discurso hegemônico para o do ouvinte emudecido, tecendo “a sua estória puxando fio do discurso prévio do seu ouvinte,

³³ ÁVILA. *O retrato na rua* – memórias e modernidade na cidade planejada, p. 107.

³⁴ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 132.

³⁵ PESSOA. *O guardador de rebanhos*.

bordando embora toda uma outra trama, em que a antiga enunciação mal pode se reconhecer no novo desenho”.³⁶ A visibilidade que o narrador aí conquista, qual a de um “segundo sol”,³⁷ é capaz de realinhar a órbita das funções dos personagens do texto narrativo; sua “sombra exemplar” obscurece posições seculares na enunciação ficcional.

Verifique-se ainda que o romance de Rosa, publicado originalmente em 1956, recupera e desvela o “desemendo” da narrativa científica em que a narração funciona como um lapso, narrativa esta aqui epitomizada pela narrativa de James Wells no século 19, quando Wells viu-se diante da dificuldade em organizar uma linearidade e objetividade para a exposição de seus relatos, ignorando o degringolar de sua argumentação no decorrer do texto³⁸.

Se o texto rosiano confronta o texto de James Wells a partir de seus fundamentos pode-se entender que isto se dá em virtude do descompasso envolvendo os postulados da tradição logocêntrica europeia e a prática da revelação dos produtos do saber desta mesma tradição, descompasso que, mesmo com pouca consciência por parte de Wells, já pode ser sentido no texto do engenheiro inglês como algo tributário da obsolescência do projeto racionalizante moderno.

Verifique-se portanto que, se Wells escreve seu relato do ponto de vista do viajante estrangeiro e seu discurso assumo a face do discurso hegemônico do colonizador, o escritor Guimarães Rosa escreve seu romance do ponto de vista pós-colonial. Nesta perspectiva, Rosa inscreve em *GS:V* uma consciência crítica através da qual pretende não apenas fornecer respostas aos viajantes estrangeiros, mas recolocar os problemas subjacentes ao tempo de escrita de seus relatos. Considerando que tais respostas são dirigidas também a Wells, é possível afirmar que estas pretendem pôr em revista o discurso colonial e os fundamentos da modernidade subjacentes ao discurso do relator vitoriano. Neste aspecto, a resposta de Rosa retoma as relações de força que se inscrevem na legitimação do saber no ocidente e intervêm nos discursos ideológicos da modernidade que conferem legitimidade a processos de erosão da substancialidade normativa e do princípio de legitimação do saber, este apenas supostamente constituído para a preservação do desenvolvimento equilibrado das sociedades na era industrial, conforme já havia denunciado Lyotard.

³⁶ ÁVILA. *O retrato na rua* – memórias e modernidade na cidade planejada, p. 106.

³⁷ ELLER. *O Segundo Sol*.

³⁸ Cf. ÁVILA. *O retrato na rua* – memórias e modernidade na cidade planejada, p. 121.

No romance de Rosa, a questão da legitimação do saber eurocêntrico é recolocada, mas agora colocada em outros termos, perturbou-se o *locus* do saber canonizado na modernidade, na Metrópole, na colônia, fazendo ascender uma deslegitimação do saber que reflete o afrouxamento da “trama enciclopédica na qual cada ciência devia encontrar seu lugar”³⁹. Lembre-se que este afrouxamento desloca as fronteiras das ciências e confunde os territórios entre o saber legítimo, o científico e o ilegítimo, o narrativo, permitindo a insurgência de outras histórias antes invisibilizadas, apócrifas e proscritas, problematizando a noção de cultura, que é agora capaz de declarar o seu processo de constituição por complementaridade, contaminação e disseminação.

São as lacunas que se abrem no esfacelamento da intenção totalizadora do discurso colonial que permite a outras vozes virem à tona, estas circunscrevendo um local de enunciação que altera o tom do discurso colonial em toda colônia. São nestas lacunas que Rosa se detém para a escrita do seu romance, revelando como a subalternidade se inscreve no sertão de forma desviada dos padrões postulados pelos colonizadores, pondo em perspectiva uma imitação burlesca a tais padrões por parte dos sertanejos.

Por tais razões verifique-se que Rosa antecipa em seu romance uma das principais características que marcam a pós-modernidade, nos termos de Lyotard, a crise de legitimação do grande relato, crise esta que define uma relação totalmente outra entre relato e experiência, na nossa condição pós-moderna. Verifique-se que a citação do romance rosiano anteposta a este trabalho constitui-se em um exemplo caricato desta crise. Na citação pode-se notar que a estrutura fragmentária e circular sob a qual toda narrativa é construída permite por evidência a dificuldade em transmissão da narrativa. Esta dificuldade configura ao narrado a aparência de uma representação feita para se dizer sobre a impossibilidade de representar, um relato que trata sobre a impossibilidade de relatar.

Considere-se que o próprio Guimarães Rosa se autodefine como um “contista de contos críticos” (sua produção é por ele considerada “contos nos quais se unem a ficção poética e a realidade”); o romance *GS:V* constitui-se numa sequência de pequenas estórias, nos termos do próprio autor, um romance que mais apropriadamente caracteriza-se como uma lenda, um conto maravilhoso e até mesmo como um poema.⁴⁰ Esta fragmentação do grande relato reflete a fragmentação do próprio sujeito moderno, por tantas vezes, incapaz de pôr

³⁹ LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 43.

⁴⁰ LORENZ. *Diálogo com Guimarães Rosa*, p. 70.

linearidade em suas memórias, representando um dos tantos sujeitos que para descobrir a constituição da sua identidade precisa não apenas falar de si, mas sobretudo, falar com o outro como se estivesse falando consigo mesmo, em um discurso que, no lugar de se estabelecer face a face, constitui-se num diálogo interno que responde às questões que o próprio sujeito (ficcional ou não) coloca, para recolocá-las instantes depois.

O romance de Rosa, inscrito, em termos historiográficos, no alto-modernismo brasileiro,⁴¹ no pós-modernismo, nos termos de Lyotard, ou nos termos de Stuart Hall, nas modernidades tardias, parece, como se vê, não se restringir à estética moderna, ultrapassando os instrumentais estéticos do seu tempo e lugar de produção, antecipando elementos da estética da pós-modernidade em uma série de aspectos, sobretudo no que diz respeito à crítica da estética moderna e de toda estrutura da modernidade.

Verifique-se nesta particularidade do romance rosiano a especificidade das modernidades tardias, em que o outro já não é mais visto a partir de uma imagem fixa, um modelo cuja origem estivesse no passado. A modernidade aí inscrita é capaz de pôr por terra conceitos caros ao positivismo, tais como: totalização, originalidade, centralidade e legitimidade. Esses conceitos, no âmbito das modernidades tardias, se inter-relacionam nas “mil e uma aldeias”, e favorecem a desmistificação dos imperialismos e um realinhamento global que sinaliza e celebra, já por volta dos anos 1950, um tempo de sujeitos que, em movimento constante, promovem deslocamentos de identidades, de culturas, de crenças e de ideologias, levando à reconfiguração das topografias.

Afinal, se o homem constitui-se no principal agente modificador do meio, ao deslocar-se, deslocam-se também as suas ideias, e estas, agregadas a outras e novas ideias que lhe surgem no tempo do deslocamento, geram mudanças em topografias, não apenas naturais, como também culturais, a exemplos das topografias da linguagem no romance rosiano, em que palavras, enunciados, discursos, gêneros, idiomas, dialetos e idioletos chocam-se, imbricam-se e mesclam-se para serem vivificados e reconstruídos de forma ilimitada.

Tamanhas desconstruções permitem que as narrativas históricas sejam reconfiguradas de modo a permitir também que narrativas estóricas – espécie de ficção a que foram relegadas as narrativas de formação e desenvolvimento de culturas minoritárias – viabilizem a configuração de uma nova história da qual todas as culturas façam parte de modo legítimo,

⁴¹ Cf. MORICONI. *A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira: uma introdução ao debate*.

favorecendo uma outra ou terceira margem para que os sujeitos sejam considerados em suas possibilidades se superação das convenções estabelecidas, dos discursos centralizadores; em sua tendência a passar da dependência à constituição de identidade cultural; da opressão pelo poder majoritário à subversão; da colonização à independência; do silêncio à expressão.

Nestas perspectivas, as modernidades tardias, muito longe de terem abandonado o projeto moderno, detêm-se nas lacunas deste projeto reorientando-o no sentido de encontrar uma outra via para escapar ao positivismo da modernidade e sua razão totalitária, estabelecendo suas bases sobre a lógica da heterogeneidade, da dialogicidade e da heteroglossia.

Assim, aos olhos da historiografia literária tradicional, o discurso do romance *GS:V* é considerado espúrio, filho não legítimo, imperfeito, por fugir a um mundo de ordens da criação literária operada no âmbito da escrita literária tradicional e modelar.

É na certeza de que a história só pode ser contada “sobre o aspecto de uma dada feição”, ainda nos termos de Wells, que Rosa permite aos personagens subalternos do sertão virem à tona; estes representando aquele povo “implicado nos saberes narrativos tradicionais, os quais, como se disse, não requerem nenhuma deliberação instituinte, nenhuma progressão cumulativa, nenhuma pretensão à universalidade”.⁴²

É este povo que permitiu a Rosa a elaboração de suas primeiras, terceiras, outras histórias e de suas veredas, que tornarão sua escrita declaradamente subtraída à pretensão totalizante e aberta à imitação burlesca, paradoxos, elipses, dissimulações, ausências, irregularidades, silêncios, enfim, a um universo de (re)invenções que a torna singular e multívoca.

Operando em seu texto uma responsividade dialógica sem fim, não restam dúvidas de que sua intenção é a de propiciar condições para que “a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela não saiba”.⁴³ O romance de Rosa comprova, pois, as palavras de Santiago:

O texto descolonizado (frisemos) da cultura dominada acaba por ser o mais rico (não do ponto de vista de uma estreita economia interna da obra) *por conter em si uma representação do texto dominante e uma resposta a esta representação no próprio nível da fabulação*, resposta esta que passa a ser um padrão de aferição cultural da universalidade tão eficaz quanto os já conhecidos e catalogados.

⁴² LYOTARD. *A condição pós-moderna*, p. 55.

⁴³ MONTENEGRO. *Metade*.

(...) nas culturas periféricas, os textos descolonizados questionam, na própria fatura do produto, o seu estatuto e o estatuto do avanço cultural colonizador.⁴⁴

Antropofagicamente, no romance de Rosa o que se verifica é a coexistência dos padrões da melhor literatura universal e de uma série de outras histórias que em outros lugares não haviam emergido do silenciamento e da proscricção. Essas histórias vinculam-se de modo muito específico ao seu local de cultura, qual seja, o espaço sertanejo do norte de Minas Gerais. “Espaço tempo fora do lugar, resquício de ordem superada que deve ser o mais rapidamente posta definitivamente no passado, que é barbárie à espera da civilização – que tardou, mas que devemos fazer chegar (...)”;⁴⁵ “mundo arcaico, longínquo, fechado sobre si mesmo, supostamente imóvel e mítico”;⁴⁶ “onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade”.⁴⁷ É deste espaço que os personagens do sertão norte-mineiro “começam a furar o tecido da tradição [oficial] com vozes que falam de diversos lugares etno-culturais, como é o caso dos jagunços, dos loucos, da criança, das prostitutas e dos negros”.⁴⁸

Em *GS:V* o próprio narrador assume um local de enunciação inusitado. Riobaldo, ao início do romance, encontra-se na condição de ex-jagunço que vive sua velhice enriquecido e proprietário de terras e relata a história da sua vida a um viajante com carta de doutor, trazendo à tona a história da jagunçagem de uma Minas Gerais cujo tempo narrado se estende das duas últimas décadas do império (curiosamente, o mesmo fim de século em que Wells escreve seus relatos) às primeiras décadas do Brasil República (período que no romance é textualizado até aproximadamente a década de 1930 do século 20).

Desta breve exposição, pode-se verificar que muito embora o romance de Rosa esteja classificado, no âmbito da historiografia da literatura brasileira, como pertencente a uma estética moderna que só viria a ser substituída pela pós-moderna a partir da década de 70, verifica-se que o romance traz em seu bojo elementos que ultrapassam as questões estéticas

⁴⁴ SANTIAGO. *Apesar de dependente*, universal, p. 16.

⁴⁵ MORAES. *Às voltas com a aporia do Mal*, O Redemunho, p. 101.

⁴⁶ STARLING. *Lembranças do Brasil: teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas*, p. 13.

⁴⁷ ROSA. *Grande sertão: veredas*, p. 3.

⁴⁸ BORGES. *Negros e prostitutas: minorias que fazem história na literatura de Guimarães Rosa*, p. 174.

modernas e que, no âmbito da produção literária brasileira, realizam-se de forma mais recorrente na pós-modernidade.

Se aos seus olhos “a pós-modernidade é antitotalitária, isto é, democraticamente fragmentada, e serve para afiar a nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, marginalizado, cotidiano, a fim de que a razão histórica ali enxergue novos objetos de estudo (...)”⁴⁹ conforme a perspectiva de Silviano Santiago, note-se que a escrita rosiana se aproxima recorrentemente da pós-modernidade. Ao construir sua narrativa sob o signo do fragmento e do desvio à estrutura clássica e modelar, Rosa estabelece um constante diálogo com narrativas menores que favorece o exercício de revisão dos parâmetros do cânone permitindo a reflexão sobre a especificidade do texto literário e sobre a supervalorização humanística da literatura, pela função hegemônica a ela conferida, no interior das Ciências Humanas, por ela se revelar na sua capacidade heurística.⁵⁰

Relembre-se que a escrita literária ao incorporar o pequeno relato, relativiza a estrutura narrativa canônica legitimadora da literatura tradicional uma vez que a estrutura narrativa ficcional modelar selecionada ou conservada como legítima pela tradição literária imiscui-se a gêneros menores, menos valorizados por esta tradição. Ocorre então que a narrativa literária, não apenas se torna fragmentada, heterogênea e multívoca, como se põe a desafiar uma tradição historiográfica que tende a representar a lógica da narrativa monumental. Nesta perspectiva, estabelece-se, dentro da própria obra de arte literária, a revisão dos seus princípios de constituição.

Assim, nos termos de uma crítica que leva em conta o substrato cultural do literário ao proceder ao estudo crítico, procede-se à “desvinculação do caráter fechado e auto-suficiente do texto literário, abandonando-se os critérios de literalidade, pela ampliação do conceito de texto”.⁵¹ O estudo de textos literários anteriormente negligenciados pela cultura oficial é operado em virtude da percepção da necessidade de verificar os vínculos das narrativas literárias ao seu local de cultura, uma vez que estas o têm em vista em sua origem. Tendência crítica a se sofisticar amplamente em decorrência da própria “quebra de hierarquia dos discursos”, pela “interdisciplinaridade”, pelo “multiculturalismo”, pela “relativização do lugar

⁴⁹ SANTIAGO. A explosiva exteriorização do saber, p. 167.

⁵⁰ Cf. SOUZA. *Crítica cult*, p. 83.

⁵¹ SOUZA. *Crítica cult*, p. 19.

da literatura e de seu valor como prática intersubjetiva”.⁵² Evidencia-se através desta discussão os paradoxos da modernidade brasileira tempo em que a racionalidade da modernidade se sustenta na sua própria irracionalidade, a forma do romance moderno ridiculariza a forma do romance moderno.

Se, já no relato de Wells, flagra-se a impossibilidade de desenvolvimento de uma narrativa objetiva acerca da paisagem e das “formas de vida” que este tinha às vistas, em sua viagem pelo Brasil não se torna difícil imaginar que na “alta-modernidade” (para voltar ao termo de Moriconi) tal legitimidade eurocêntrica é amplamente refutada por aqueles que sobre esta paisagem e estas “formas de vida” se detiveram.

Numa aproximação entre *Três mil milhas através do Brasil* e o romance *GS:V* verifica-se facilmente que Wells tornou seu texto subjetivo, impuro e opaco, de forma similar ao narrador ficcional que se inscreve no romance de Rosa. Infere-se destas narrativas problematizadoras e desconstrutoras da utópica tentativa de totalização, originalidade, legitimidade e centralidade modernas, uma tentativa de preenchimento do vazio deixado no “lugar-fetichado do aristocrata saber europeu” (termos do Silviano Santiago) assumidos outrora por narradores pretensamente oniscientes, objetivos e imparciais.

O preenchimento deste vazio, tal qual ocorre no âmbito da narrativa rosiana, é capaz de fornecer a Lyotard uma resposta à sua questão: como encontrar novas formas narrativas legítimas com a crise do metarrelato? Acredita-se que as narrativas rosianas conferem visibilidade a narradores capazes não apenas de ascender em uma cena discursiva de dimensão mais ampla, como também trazer à tona documentos, evidências ou testemunhas imersas na obscuridade e cujas narrativas são capazes de suplementar fontes históricas tradicionais, contribuindo para recontar a história sob um ponto de vista deslocado da “Voz da História” e reorientado para o ideal da “heteroglossia” (para voltar aos termos de Bakhtin recuperados por Peter Burke).

Rosa, através de tal representação (que longe de se manter fiel aos modelos imitados, deles se desvia) volta ao seu texto “a título de convidado”, nele inscrevendo-se “como uma das personagens, desenhadas no tapete” (para lembrar os termos de Barthes 1988, recuperados por

⁵² SOUZA. *Crítica cult*, p. 21.

Souza)⁵³ e declara a sua crítica à estrutura moderna imitada e não somente põe em evidência a falência de tal estrutura como propõe uma outra via para fugir aos ideais do projeto moderno.

ABSTRACT

This study points out the fragility of forms and rules which modernity itself by an analysis on a fragment of the travel narrative *Três mil milhas através do Brasil*, by James W. Wells, and by reflections on the novel *Grande sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa.

Keywords

Critics, value, modernity, Guimarães Rosa, James W. Wells

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. Trad. Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1993.
- AVILA, M. C. A. *O retrato na rua – memórias e modernidade na cidade planejada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Wilmar do Valle. Tempos pós-modernos. In: LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 7. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. (Coleção Humanitas).
- BOLLE, Willi. O Brasil jagunço: retórica e poética. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 44. p. 141-158, fev. 2007.
- BORGES, Telma. Negros e prostitutas: minorias que fazem história na literatura de Guimarães Rosa. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Escritores mineiros e contemplações de Minas*. Montes Claros: Unimontes, 2007. p. 171-185. v. único.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (Org.). *A escrita da História – novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo Editora Unesp, 1992. p. 7-38.
- ELLER, Cássia. *O segundo sol*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/cassia-eller/12570/>>. Acesso em: 03 out. 2010.

⁵³ BARTHES. *O rumor da língua*, p. 76, citado por SOUZA. *Tempo de pós-crítica*, p. 20.

- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 8. ed. Trad. Salma Tannus. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GOMES, Luiz Roldão de Freitas. *A ética, o legítimo e o legal*. Disponível em: <<http://www.uff.br/direito/artigos/roldao3.htm>>. Acesso em: 16 out. 2009.
- HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Trad. Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LORENZ, G. Diálogo com Guimarães Rosa. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1983. p. 62-97. (Coleção Fortuna Crítica.)
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 8. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- MONTENEGRO, Oswaldo. *Metade*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/oswaldomontenegro/72954>>. Acesso em: 27 nov. 2009.
- MORAES, Anita Martins R. de. Às voltas com a aporia do Mal, O Redemunho. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*. Literatura e Presença: Guimarães Rosa, ano 17, n. 25, p. 93-106.
- MORICONI, Ítalo. *A problemática do pós-modernismo na literatura brasileira: uma introdução ao debate*. 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1/02.htm>>. Acesso em: 27 nov. 2009.
- PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. In: _____. *Poesia completa de Albero Caetano*. S. Paulo: Schwarcz. 2005, p. 19.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. A explosiva exteriorização do saber. In: LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 8. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 125-131.
- SANTIAGO, Silviano. Apesar de dependente, universal. In: _____. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 13-24.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. São Paulo: Veredas e Cenários, 2007.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Lembranças do Brasil: teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- SÜSSENKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SWIFT, Jonathan. *Viagens de Gulliver*. Adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Editora JPA, 2008.
- WELLS, J. W. *Três mil milhas através do Brasil*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. v. 2.